

MAN ZUA



6 SOMOS DA MESMA TRIBO, FILHAS DO MESMO SOL: O ESPETÁCULO *EM TERRA SER*

Ana Clara Veras¹

Mariclécia Bezerra de Araújo²

Nadja Rossana Lopes de Sousa³

01 - Ana Clara Veras é atriz e pesquisadora do Grupo Arkhétypos de Teatro, colaboradora do grupo de extensão da UFRN intitulado “Voz Feminina”, coordenado pela Ms. Mayra Montenegro. Participou do Tercer Coloquio Latinoamericano de Investigación y Prácticas de la Danza (2018) com o trabalho “As danças populares brasileiras como treinamento físico do ator”. Ministrou oficinas pelo o interior do RN, em Fortaleza e no México, com temáticas do Teatro do Oprimido, danças populares brasileiras e práticas sobre o exercício da escuta do ator.

02 - Mariclécia Bezerra de Araújo é Atriz Grupo Arkhétypos e Professora Efetiva de Teatro do Estado do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016), graduação em Letras pelas Faculdades Integradas de Patos (2008) e mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2012). É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina/SC (UDESC).

03 - Nadja Rossana Lopes de Sousa é Atriz do Grupo Arkhétypos; Pesquisadora de Teatro, Produtora Cultural e de Marketing. Possui graduação em Teatro (2017) e Mestrado das Artes Cênicas (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada também em Administração com Habilitação em Marketing (2008) na UNI-RN. Possui Diplomado em Educação em Valores Humanos (2017) pelo Instituto Sathya Sai- Bolívia.

MAN ZUA



RESUMO

Abordaremos neste artigo um processo de criação vivenciado por três atrizes do Arkhétypos Grupo de Teatro (2010, UFRN), sendo possível a criação de um espetáculo intitulado *Em Terra Ser*. No decorrer do processo, trabalhamos com a metodologia dos *encontros*, inspiradas pelas figuras arquetípicas da (velha Anciã e da jovem Guerreira). Aqui, falaremos sobre as faces/fases de um feminino sagrado e protagonista. Nisto, Clarissa Estés (2014) e Jung (2000) nortearão nossas proposições neste trabalho.

Palavras-chave: arquétipos do feminino, processo criativo, sagrado feminino.

ABSTRACT

In this article we shall approach a creation process experienced by three actresses from Arkhetypos Theater Group (2010, UFRN), making it possible to create a show called *Em Terra Ser*. During the process, we have worked with the methodology of the meetings, inspired by the archetypal figures of the (old Elder and the young Warrior). Here, we discuss the faces/phases of sacred feminine and protagonist. Thus, Clarissa Estés (2014) and Jung (2000) shall guide our propositions in this work.

Keywords: archetypes of the feminine, creative process, the sacred feminine.

MAN ZUÁ



INTRODUÇÃO

Contamos história através do teatro. No Grupo Arkhétipos⁴, buscamos uma imagem onírica que se constrói no momento presente do jogo, que se manifesta mediante nossa relação, sozinha, ou, com a outra. Mas tudo que nos acontece em cena ou na vida real tem uma equivalência de forças que aparecem durante a construção de experiência de cada ser humano. De acordo com Jung (2000) temos uma carga genética, uma “herança de registros” acoplados em nosso espírito, capaz de guardar informações por tempos afins. Acreditamos que elas surgem por meio da nossa ancestralidade, da nossa carga genética que registra tudo, surgindo a partir de uma conexão umas com as outras.

Compreendemos que o conteúdo do “inconsciente

coletivo” é constituído essencialmente de arquétipos. Neste sentido, são pertinentes as considerações de Jung, segundo as quais;

O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta (JUNG, 2000, p. 17).

No teatro que acreditamos, acessamos algumas figuras sentidas mediante um trabalho com a proposta metodológica do Arkhétipos Grupo de Teatro, aprendendo desde cedo a conversar conosco mesmas, a praticar nossa imaginação materializante através do jogo e a descobrir figuras misteriosas que moram dentro de nossa raiz imaginante. Este

4 - O Grupo Arkhétipos foi formado em 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek e por um grupo de alunos que decidiram se dedicar à pesquisa artística dentro da Universidade. O Grupo trabalha numa perspectiva laboratorial e desenvolve seus espetáculos a partir de um mergulho no universo simbólico de cada ator, sempre associando a prática artística com a busca pelo autoconhecimento.

MAN ZUA



aprendizado requer uma busca da essência da vida e da própria arte em que acreditamos, pois somos matéria, somos parte de uma coisa só que se constrói na luta diária que enfrentamos.

O processo sobre o qual discorremos fez parte de uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), intitulado “A.M.E. - Arte, Método e Espiritualidade: Processos de criação cênica inspirados pela educação em valores humanos” de Nadja Rossana Lopes de Sousa, atriz e pesquisadora do Grupo Arkhétypos de Teatro - orientada

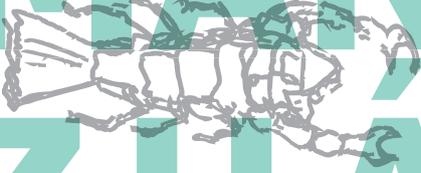
pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek.

Ao relatar nossa vivência neste processo, comungamos juntas de uma sintonia instaurada em nossos *corpus*⁵, por meio do acesso às duas figuras arquetípicas (velha Anciã e jovem Guerreira), durante os laboratórios. Nossa relação surgiu em cena, nos fazendo propor ações em jogo, que partiram da *poética dos elementos*⁶, ou seja, do trabalho com a terra, o fogo, a água e o ar, isso nos levou a determinar os elementos fundamentais do processo, e a descobrir que imagens surgiram em nossos devaneios. Este é um dos princípios do trabalho do Arkhétypos, mergulhar em busca dessas imagens e trazê-las em forma

5 - Corpus em latim – termo sugerido na dissertação de Nadja Sousa: “O Corpus é formado de muitas dimensões energéticas e matérias densas e sutis que integram o mesmo sistema, conectado, interligado, não sendo possível a dissociação delas em nossa condição humana. Dimensões integradas: O Corpus.” – PPGArC 2019.

6 - Segundo Haderchpek: “Desde a sua criação em 2010 o Grupo Arkhétypos vem trabalhando numa perspectiva laboratorial e tem construído seus espetáculos a partir de um mergulho no universo simbólico de cada ator, sempre associando a prática artística com a busca pelo autoconhecimento. É comum em seus processos de criação que o Grupo escolha um elemento da natureza como mote criativo: terra, água, fogo e ar. Chamamos este trabalho de poética dos elementos, inspirados por Gaston Bachelard (2013) que escreve sobre a imaginação da matéria, passando pela tetralogia dos elementos”. (2018, p.58)

MAN ZUÁ



de matéria.

Ao rever as leituras de Clarissa Estés (2014) e Jung (2000), sobre inconsciente coletivo, foi possível revisitar uma mitologia conectada à terra, à vida dentro da natureza, escondida por meio de um cântico que nos alimentava. Este cântico ancestral, reverberado em cena, será relatado mais adiante neste artigo.

A CRIAÇÃO CÊNICA: A POÉTICA DA TERRA

A criação do espetáculo *Em Terra Ser* nos despertou um interesse muito profundo durante os ensaios, porque a princípio, a caixa cênica bastava-nos enquanto lugar propício à ação dramática, mas, depois, começamos a sentir que precisávamos estar em contato direto com a natureza.

Foi ao firmar os pés no chão, durante um ensaio no museu Câmara Cascudo⁷, que compreendemos o que desejavamos. Foi neste lugar, voltado exclusivamente para um ar puro, com terra, árvores e pássaros, que começamos um ritual sagrado, uma dança, sobretudo, fomentada pela filosofia do sagrado feminino⁸, a fim de encontrarmos, por meio de um acesso à nossa ancestralidade, figuras arquetípicas.

Ao darmos conta dessas imagens, poetizávamos o espaço com um ritual de preparação para a chegada delas. Uma era a velha *Anciã* e, a outra, uma jovem *Guerreira*. Essas duas energias nos fizeram perceber que éramos mulheres chegando à uma terra mágica, fértil, alimentada pela nutrição dos corações fortes, cheios de emoção, resistentes e transformadores de si e de seu universo.

7 - Solicitamos lugar para ensaiar no Museu Câmara Cascudo, assim como, para a estreia do espetáculo que aconteceu oficialmente em fevereiro de 2019. Ensaíamos cerca de um ano neste local.

8 - O Sagrado Feminino é uma filosofia que leva a mulher a si reconectar com ela mesma, por meio de uma harmonização com a natureza. Ver: (<http://www.teiadethea.org/>).

MAN ZUÁ



Em um laboratório de criação, quando essas energias se ligaram aos corpos em uma atmosfera que se abre à imaginação, o tempo instaurado foi se delimitando e fazendo com que cada mulher criasse uma *mitologia pessoal*⁶ que se revela em camadas mágicas e muitas vezes, tão secretas que, levamos meses para decifrar tanta poeticidade cênica.

Nos laboratórios de criação tivemos em nossa imaginação, por excelência, um elemento da natureza (terra, fogo, água e ar). Em nossos encontros cada participante buscou acionar a sua energia específica, instigada por meio de canções e por meio de um contato direto com os elementos. Nestes encontros, reconhecemos que nosso *corpus* é parte estruturante do processo vivenciado, nos fazendo descobrir individualmente, nossa terra, nosso fogo, nosso ar e nossa água.

Sobre isto, o diretor do grupo Arkhétypos em suas pesquisas, e em suas práticas durante os laboratórios afirma:

O nosso processo é desencadeado por um dispositivo inconsciente, e cada qual dentro do processo também irá descobrir a sua terra, o seu fogo, a sua água e o seu ar. Entendemos que cada pessoa traz uma qualidade de água, de fogo, de terra e de ar, e que cada um destes elementos apresenta nuances que variam de acordo com as experiências individuais de cada indivíduo. (HADERCHPEK, 2017, p.2669).

Chamamos este procedimento de *poética dos elementos*, pautando-nos na imaginação material proposta por Gaston Bachelard:

Com efeito, acreditamos possível estabelecer, no reino da imaginação, uma *lei dos quatro elementos*, que classifica as diversas imaginações materiais

9 - Segundo Feinstein & Krippner (1992): “Os mitos, no sentido que damos ao termo, não são lendas ou falsidades, mas modelos através dos quais os seres humanos organizam e codificam suas percepções, sentimentos, pensamentos e atitudes. Sua mitologia pessoal origina-se dos fundamentos do seu ser, sendo também o reflexo da mitologia produzida pela cultura na qual você vive”. (p.16).

MAN ZUA



conforme elas se associem ao fogo, ao ar, à água ou à terra. E, se é verdade, como acreditamos, que toda matéria deve receber componentes – por fracos que sejam – de essência material, é ainda essa classificação pelos elementos materiais fundamentais que deve aliar mais fortemente as almas poéticas. Para que um devaneio tenha prosseguimento com bastante constância para resultar em uma obra escrita, para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre sua *matéria*, é preciso que um elemento material lhe dê sua própria substância, sua própria regra, sua poética específica. (BACHELARD, 2013, p. 34)

A descoberta da nossa terra se deu de grão em grão, assim como o revelar da nossa canção, que trouxe à tona a força das figuras da velha *Anciã* e da jovem *Guerreira* que encontramos nos laboratórios. Em nossos mergulhos profundos em nós mesmas, nos foram reveladas determinadas imagens, em formatos e ornamentos; cheias de emoções, simbolizando a estrutura real delas:

Ainda estamos longe de compreender o inconsciente ou os arquétipos - os núcleos dinâmicos da psique – em todas as suas implicações. Tudo que podemos constatar até agora é o enorme impacto que os arquétipos produzem no indivíduo, determinando suas emoções e perspectivas éticas e mentais, influenciando o seu relacionamento com as outras pessoas e afetando, assim, todo o seu destino. Vemos também que os símbolos arquetípicos combinam-se no indivíduo seguindo uma estrutura de totalidade, e que é possível que uma compreensão adequada desses símbolos tenha efeitos terapêuticos (JUNG, 2008, p.419).

Jung (2000, p 122), nos fala que só é possível falar em arquétipos quando dois aspectos básicos aparecem na experiência prática: a Imagem e a Emoção. Esses aspectos são pontos chaves na busca de conhecer e reconhecer as figuras que emergem durante o processo de criação, sendo eles, “[...] porções da própria vida – Imagens integralmente ligadas ao indivíduo através de uma verdadeira ponte de

MAN ZUÁ



emoções”. Assim, gradualmente, fomos descobrindo os arquétipos que acionamos durante o processo de criação, e principalmente, o porquê deles aparecerem e de que maneira eles se conectaram conosco.

Assim, começamos a perceber uma transformação energética peculiar, que foi nos levando a particularidades específicas, fomentadas pela exaustão do treinamento. Foi importante perceber no decorrer das transformações variações e semelhanças oriundas de cada uma em jogo, vejamos:

O processo de conhecer a si mesmo pode ser auxiliado através da identificação das qualidades, das características e das variações juntos aos elementos. Antes do nascimento, há a gestação, o cuidado e os ensinamentos. Mãe, mulher, ancestralidade que ensina os saberes da terra, do ar, do fogo, da água e o grande mistério do éter. A sabedoria de vida e também a força que carregou em seu cajado em defesa de todo seu povo. A guardiã dos animais, do

poder... (Diário de bordo: Nadja Rossana – 06/03/2018).

Acreditávamos que vivíamos um ritual de transformação. O ritual em sua origem mais concreta, segundo Mariz (2008, p. 16), “cria um sentido de espaço e de tempo outro, diferente daquele do cotidiano”. Este espaço/tempo se constitui como algo significativo para quem o vivencia, abrindo portais profundos em determinadas culturas. Sua característica essencial é que mesmo não sabendo de sua relevância para a vida, o humano o vivencia, sentindo sua manifestação.

Vivemos este ritual, por meio do que chamamos dentro do grupo, de *jogo ritual*:

Cada participante dentro do “jogo ritual” tem um percurso muito particular, e ao fazer suas escolhas, o ator/bailarino acessa imagens do seu inconsciente concretizando-as e/ou traduzindo-as no seu corpo. E é na busca da compreensão do significado destas imagens que o jogo de fato se instaura, pois, dentro de um universo infinito de probabilidades, uma *imagem*

MAN ZUÁ



material se manifesta no processo de criação gerando um sentido e trazendo à tona um manancial de significados que vão povoar a imaginação do intérprete, e em seguida a do espectador. (HADERCHPEK, 2018, p.62).

O *jogo ritual* é um “procedimento de criação” do Arkhétypos, e, segundo o diretor Haderchpek (2015, p.13), as relações dentro deste jogo, acontecem em três grandes encontros: o primeiro encontro é consigo mesmo, mergulhando em sensações; imagens, conflitos internos, possibilidades imagináveis; o segundo encontro é com o outro em jogo, se voltando para os conflitos externos, para as relações que se transformam em cenas, histórias, para as descobertas que cada um pode oferecer ao outro, é uma fase onde cada um experimenta chegar perto do outro, oferecendo aberturas, caminhos. O terceiro e último encontro, acontece com o público, e este “deve se colocar dentro do processo, ressignificando o olhar dos atores e alimentando as cenas

a cada dia”.

Em uma determinada etapa do processo de criação, nos demos conta que estávamos falando de duas mulheres que chegavam ao lugar desejado: a uma terra sem destruições ambientais, sem a presença do caos. Esta terra completamente fértil nos esperava para que catássemos o canto de seu início, de sua ritualização íntima conosco. Ficamos nela conectadas, alimentando uma energia onírica, unindo nossas histórias, abrindo alguns portais durante o jogo, porque a “nossa imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão”, assim afirma (BACHELARD, 2013, p. 18).

O deleite levou uma das atrizes a buscar mais informações sobre a energia que acessava:

Quem essa mulher?
Essa que se deixa queimar por dentro e lança ao universo, formas de sua real semelhança?
Quem é essa mulher que cresce e

MAN ZUA



aprende que o equilíbrio da vida está em amadurecer os cabelos, os anseios?

O que ela é?

Como ela é?

Ou como está agora?

Ela nasce e caminha por estradas descalças porque sentir a terra é mais importante do que só passar por ela. A ela cabe tudo, cabe principalmente o desejo de não ser esquecida, de ser mastigada e jogada ao vento. Ela que queima e que incendiará o seu caminho se você deixar, porque queimar-se em seu fogo sagrado requer mais que um toque ou um olhar, requer que você contenha um pouco da poética da vida, ou que simplesmente, a deixe-lhe tocar. (Diário de bordo: Mariclécia Araújo – 12/03/2018).

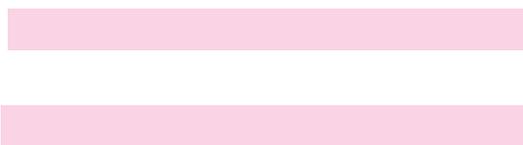
Esses momentos nos levaram e entender no jogo um sentimento afetuoso, carinhoso. Percebíamos que éramos próximas, irmãs, primas, amigas, mãe, filha, era um contato iniciado pela presença, pela harmonia, pela aproximação que tínhamos uma com a outra. No *jogo ritual*, podemos invadir o universo uns dos outros, criando ações em conjunto, revelando a essência do

que desejarmos. Sobre isso Lara Machado nos diz:

Todo corpo merece carinho em sua aproximação. Quando tocamos o outro devemos pedir licença, não com as palavras, mas com nossas ações, e assim seremos convidados a nos aproximar, propondo uma possibilidade de jogo corporal sem invasões ou sofrimentos (MACHADO, 2017, p. 44).

Cada uma de nós pôde caminhar na trilha do autoconhecimento, dos confrontos pessoais diante da sua própria arte e da sua existência enquanto mulher/atriz e pesquisadora. Identificamos dentro de nós várias mulheres, seus movimentos, ancestralidades, não tão distantes, não tão perdidas de nós mesmas. Elas estavam ali se revelando, nos revelando. Para Éstes (2014), a mulher tem suas próprias referências; ligadas ao seu ambiente psíquico, mantendo-o organizado por meio da intuição e da inspiração, fundidos numa particularidade profunda do “eu feminino”. Descobrimos, assim

MAN ZUA



que, uma acessava a energia da venha *Anciã* e a outra, a jovem *Guerreira*.

Inspiradas em imagens como, a da Deusa Tríplice¹⁰, começamos a fazer uma ligação da mitologia dela com o nosso processo, pois ela contém em seu ciclo contínuo, a vida-morte-vida, ou seja, ela é a donzela, a mãe e a anciã. Esta deusa carrega em sua máxima a força do sagrado feminino, a energia das fases da lua, nos revelando nossas próprias fases:

A lua por ser uma grande representante das energias femininas e da Deusa, simboliza as suas três faces. Mas as correspondências não param por

aí e no ciclo anual do sol – que como força criadora era associado à Deusa antes das sociedades patriarcais – também encontramos as três faces da Deusa. O que não é de se admirar, já que toda a existência é composta destes aspectos triplices, queiramos nós ou não, pois não há como fugir dos ciclos de vida, morte e renascimento. (Disponível em: <https://omundodegaya.com/2015/09/15/a-deusa-triplice-a-donzela-a-mae-e-a-ancia/> Acesso em: 28/05/2020).

Neste mergulho pessoal, e ao estudamos a Deusa Tríplice, começamos a perceber uma desconexão com nosso sagrado feminino; e percebemos também como a vida de hoje nos desvincula

10 - A deusa tríplice vive no lado ativo da psique feminina e toda mulher deve aprender a identificar suas facetas, para depois trabalhar com ela. Perceber como ela se manifesta em nosso interior é importante para evitar que este espaço seja inundado por uma destas facetas, anulando por completo a nossa vontade e impedindo-nos de exercer o nosso direito de livre escolha. A triplicidade da deusa pode ser percebida em muitas facetas da vida. Se lhe concedermos a oportunidade para se manifestar como figura mítica, ela poderá inspirar a nossa alma, assim como nutrir, sustentar e transformar o cerne do nosso ser. Para mais informações acessar: https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/a-deusa-triplice-donzela-mae-e-ancia/8BXp_El7umunMGxPbNPxXKzRgDzWJDkpDM6. <https://omundodegaya.com/2015/09/15/a-deusa-triplice-a-donzela-a-mae-e-a-ancia/> Acesso em: 28/05/2020.

MAN ZUÁ



de quem somos realmente, nos afastando do nosso verdadeiro eu. Percorremos um caminho que nos levou a alcançar um sagrado adormecido em nós, pois, ao acessarmos a sabedoria ancestral feminina, por meio de uma ligação com a mãe terra, houve um reequilíbrio, uma reconexão com o nosso sagrado.

O Sagrado Feminino é um movimento de resgate de nossa sabedoria interna, perdida e esquecida pelos milênios de patriarcado. As antigas tradições da Deusa ressurgem na cultura ocidental em um cenário mundial no qual a mulher começa a buscar a sua independência perante o homem, porém ela percebe que tentar viver de acordo com o modelo masculino não traz plenitude, pelo contrário, traz desequilíbrio e insatisfação em se viver em um corpo de mulher. Para encontrar um modelo realmente feminino de ser e viver, muitas mulheres (e homens que também questionam os valores de nossa atual sociedade e as religiões patriarcais) voltaram-se para as tradições e práticas espirituais das antigas culturas (BREMER, 2011, p. 6)

Através do mito da Deusa Tríplice vivenciamos um fantástico devaneio, e isso nos remete às considerações de Campbell (2014) quando este fala sobre o mito e o seu poder limiar. O mito não poder ser previsto, ele simplesmente se manifesta, ele se encontra no meio do caminho. “[...] Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar. Vêm de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica”. (CAMPBELL, 2014, p.33).

E esta mitologia nos queimou, pois toda mulher queima. Queima na busca da sabedoria, queima na transformação de si. Um momento decisivo na entrega de si para a vida, para o futuro que a espera: “Se um jovem de espírito escolhe conscientemente o caminho da evolução psíquica, ele deve estar preparado para uma mudança completa em suas antigas atitudes” (JUNG, 2008, p.379).

Nestes mergulhos em busca do fogo que alimentava essas figuras durante os laboratórios, outra atriz

MAN ZUA



precisou reverberar suas palavras, sentido em sua dança particular e solitária um choro de nascimento e criação, vejamos:

Quando nosso ritual terminou, quando me foi entregue o bastão da tribo; senti-me coberta pela nossa mata, abraçando a vida habitada nela. O medo de ficar só terminou ali, ao sentir toda essa vida que me cercava e que devia proteger. Depois de chorar pela ida da minha guia, minha grande mestra, encontrei a força que precisava num bastão, fincado ao chão, me conectando diretamente à Terra Mãe. (Diário de bordo: Ana Clara Veras - 05/03/2018).

Clarissa Éstes (2014) nos diz que, o arquétipo da mulher selvagem é a alma feminina, sendo sua origem primeira: “Ela é o momento imediato anterior àquele em que somos tomadas pela inspiração. Ela vive num local distante que abre caminho até o nosso mundo” (p.27). Ela é a fonte

inspiradora da morte-vida-morte e tudo que faz parte da criação geral da mulher. Essa força arquetípica foi nos alimentado e abrindo portais entre os tempos.

Para abrir estes portais foi essencial a presença da pesquisadora e diretora do nosso pequeno grupo¹¹. Ela era nossos olhos e nossa guia, pois todo o acesso nos revelou não só os arquétipos, mas sim, a nós mesmas enquanto seres em construção do autoconhecimento.

DRAMATURGIA CORPORAL: *EM TERRA SER*

A primeira apresentação de *Em Terra Ser* aconteceu no DEART-UFRN, apenas como ensaio aberto do processo de criação, dentro do III Seminário Internacional de Pesquisa Corpo e Processos de Criação nas Artes Cênicas, em 2018. A estreia mesmo do espetáculo, se deu em fevereiro

11 - Como o processo fazia parte do mestrado de Nadja Rossana, ela não chegou a entrar diretamente em cena, mas em jogo estava presente, ora participando, ora alimentando nosso jogo, buscando nos impulsionar e inspirar. No jogo ritual é permitindo à entrada e saída do condutor do jogo quantas vezes for necessária.

MAN ZUÁ



de 2019, no espaço externo do Museu Câmara Cascudo - Natal-RN, durante a defesa de Mestrado de Nadja Rossana Lopes, diretora do processo. Houve somente uma apresentação, desde a sua estreia, mas, o espetáculo continua vivo em cada uma de nós, deixando sementes... Algumas delas estão germinando, pois uma das atrizes ingressou em doutoramento inspirada por suas descobertas dentro do processo; outras, estão a germinar em silêncio.

Pode-se dizer que já existia em cada uma de nós, antes mesmo de iniciar os laboratórios de criação no final de 2017, uma sementinha. E ela germinou por meio das experiências dentro de cada uma, pelas descobertas do viés do jogo, da troca, da entrega, e pela doação de um intenso mergulho de si; relacionando a vivência do momento presente, ao aqui e o agora, ao nosso inconsciente com profundidade.

Partimos da ideia de que cada participante encontraria sua própria canção, inspiradas pela leitura do conto africano: *A Canção dos Homens*, de Tolba Phanem¹². No conto, quando uma mulher está grávida, ela segue para a selva com outras mulheres, e juntas rezam, cantam, dançam e meditam até surgir a “canção da criança” que está sendo gerada. Quando nasce a criança, a comunidade se junta e canta para ela a sua canção.

Esse hábito se repete nos momentos mais importantes da vida deste ser, como um rito de passagem, lembrando-o de sua importância neste plano. O canto propõe um encontro do indivíduo com as suas origens, e cada vez que é cantado, o ajuda a se recordar da sua própria identidade, sem julgamento e nem punição, somente com alegria e resignação.

Reconhecer a própria canção significa conhecer a si mesma;

12 - Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/alvaro-siviero/musica-e-identidade-a-cancao-dos-homens/> Acesso em: 28/05/2020.

MAN ZUÁ



Fig. 1 – O chá. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018.

assim como este mito, estávamos nos encontrando com nossa própria origem, por meio das muitas mulheres que já nos habitavam.



Fig. 2 – A dança. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018.

NARRAÇÃO DO ESPETÁCULO

Este relato foi feito pela diretora Nadja Rossana Lopes, e ela o apresentará em forma de escrita performática¹³, conduzindo-nos ao espaço da cena, para que possamos sentir a poética da terra em seu *ser*:

Escuto o pulsar da terra, o pulsar dos variados corações. Ao

13 - A “narrativa performática” seria aquela em que o emissor se compromete com uma ação de comunicação que modifica sua relação consigo e com os receptores da sua obra. Na troca que se estabelece entre aquele que escreve e aquele que lê, ambos estão em exposição, seja o que escreve, no ato de doação, de usar sua voz para reverberar um discurso, ou aquele que lê, que se abre para o universo criado e que encontra ali um mundo a ser explorado (SEIXAS, 2017, p. 132).

MAN ZUÁ

mesmo tempo em que a chuva cai, os pés preparam a terra para as futuras sementes, pois o barulho da chuva, junto ao pulsar dos pés, alimenta a vida que se prolifera dentro dela. A força do vento ecoa uma canção unindo seres da fauna e flora, e todos juntos dão sentido à vida que renasce. Olhe a semente. A sua força rompe a terra, alimenta e nutre o fluxo da vida. Temos chuva... E nas batidas do coração ecoa-se o vento e ouve-se uma canção no tempo do pulsar, do respirar.



Fig. 3 – O Duelo. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018

Estávamos juntos... Ouviu-se uma melodia introdutória, era uma menina que cantava para semear a vida e fertilizar o solo. Deram-nos um chá que nos transportou ao espaço da cena. Todos juntos, cantamos:

Escutamos e sentimos uma vibração que percorreu nosso ser. No doce chá¹⁴ que foi ofertado aos espectadores, havia um toque de magia, feito por meio de um ritual de iniciação, permitindo que eles acessassem sua ancestralidade e tornassem-se espectadores/participantes, seres daquele lugar.

Mulheres dançavam junto à fogueira durante a entrega e oferta do chá. Entre olhares, sorrisos e palmas, convidaram os espectadores que iam adentrando à cena, celebrando o nascer da terra, por meios de sons e passos. Permitiram que o ritmo entoado reverberasse, conectando todos os presentes numa única atmosfera. Corpos se aconchegavam, e

14 - O experimento cênico tem início quando ofertamos chá aos espectadores que estão dispostos em um grande círculo.

MAN ZUÁ



Fig. 4 – A Anciã. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018.

novamente, a menina se destacava entre eles. Sua alegria ao tocar o seu pandeiro encheu os olhares com atenção pela sua presença firme e sedutora.

Ela dançava com o prazer e o desfrutar da descoberta, da *Guerreira* que conhece a terra, a chuva, o vento, o fogo, reconhecendo nos olhares, a alma de cada um. Neste dançar, outra mulher surgiu, apresentando com sua força e ancestralidade os ciclos das muitas vidas que dançam

no Meio do Mundo¹⁵; foi como se ela pudesse ver além dos nossos próprios olhos, e com a ponta do seu cajado, pudesse fazer escrituras com o sopro do vento, registrando em cada grão de areia, a vida que renascia.



Fig. 5 – A jovem Guerreira. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018.

15 - O Meio do Mundo é o lugar cênico que determinamos como o espaço em que acontece a ação, o lugar simbólico em que as personagens agem.

MAN ZUÁ

Eram duas mulheres diferentes e complementares; uma carregava os anos, a outra era levada por eles. No Meio do Mundo é possível perceber que as pessoas vivem em vários tempos. Nós fazemos parte desse lugar: o Mundo. E enquanto os pés balançavam a terra, ao redor da natureza, chegamos a ver os sinais do tempo, da transformação em constante vibração.

O olhar da *Anciã* fez o chamado. O silêncio dos pés se estabeleceu no chão de areia. O bastão dela rompeu o céu e fez o tempo/espço se abrir em frações de segundos. Não se sabia ao certo o que se passava. Era como se algo leve começasse a passear entre as folhas sem tocar o chão, e ouvimos um rouxinol cantar, atravessando a cena, como se anunciasse um chamado.

A menina sentiu no peito este chamado; seus olhos alcançaram os da sua Mestra. Essas mulheres de idades diferentes se refletiam uma na outra e pôde-se ver o soar do confronto, entre erros e verdades.

Nesta batalha, o atacar e o defender-se não estavam somente na força do braço, mas em enxergar e escutar as próprias possibilidades.

Tais forças se sobressaíram perante nossos olhares, pois enquanto um bastão caía das mãos de uma; o outro, com bastante força, era jogado ao chão, com raiva e derrota. Elas se esbarram em sua principal batalha: o encontro consigo mesmas. Em cada laboratório um pouco se revelava, pois vimos que a *Anciã* tinha a missão de compartilhar



Fig. 6 – Rito de Passagem. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018.

MAN ZUÁ



Fig. 7 – O Sagrado Feminino.
Fotógrafa: Carol Macedo, Deart:
2018.

seus conhecimentos, e a *Guerreira*, de recebê-los para desenvolver sua própria sabedoria. E por elas estarem em tempos diferentes, se colidem; mas é preciso escutar dentro de si, e estarem dispostas a abrir mão, de sacrificar os tempos que as diferem.

A jovem encontra na terra a

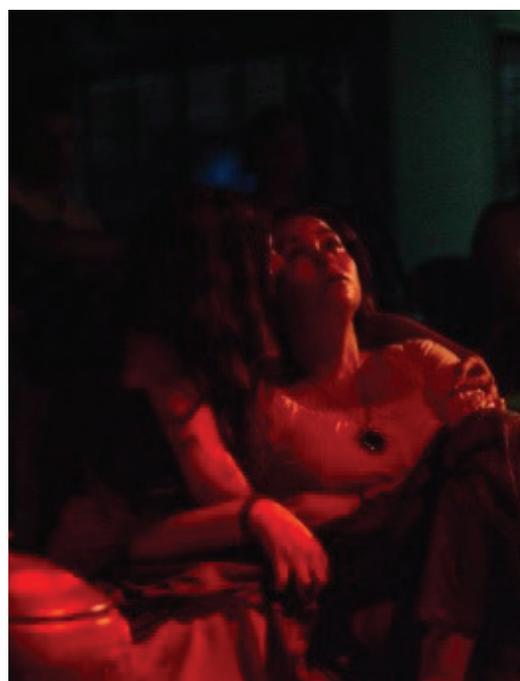


Fig. 8 – A Despedida. Fotógrafa:
Carol Macedo, Deart: 2018

força de correr em seu tempo, fazer a poeira ganhar o ar, marcar o solo com suas pisadas, assim como, sua vida, sua história. Do outro lado, a Anciã tira de um grito o medo da morte, descobrindo quem é a partir da dor que carrega. Mas quem são elas realmente? Quem são essas mulheres?

MAN ZUA



Anuncia-se o nascer da noite e o amanhecer do dia. O conhecimento é passado adiante... o cajado que é concedido. A menina começou aprender e a escrever sua própria história. A Anciã percebeu que a filha está pronta para a vida, pois seu choro fez a terra se abrir perante suas mãos.

No Meio do Mundo há uma orquestração do tempo que gira em sentidos contrários; depois volta para o sentido corrente, e é nesse instante que há uma junção dos tempos. A Mestra guiou a Aprendiz em sua corrida pela transformação. Em seu mergulho solene, ela aceitou o chamado, entrando na água sagrada, que estava ali representada em uma grande bacia, advinda do céu, soltando seu *corpus* na terra após seu mergulho interior... e, na areia, cravou no solo o coração, pulsante, vibrante, forte e necessário... era a sua escritura pessoal.

As aprendizagens nos levam a muitas descobertas. Ao defender o seu território, a menina encontrou sua dança pessoal, seus pés foram

tomados pela areia que subia por todo o seu corpo. Em giros e rodopios uma mulher indomável, dona de si, instruída a reinar numa jornada sublime surge, onde a luz gera entre frutos e flores, a esperança.

A Mestra/*anciã* representante da sabedoria do eterno feminino, já esperava este momento. O tempo do acolhimento, o tempo do rito de passagem levou a aprendiz/*guerreira* a passar pela terra, pelas águas, pelo fogo, deixando-se elevar em alma e coração.

Juntas encontraram-se no mesmo tempo, se conectando, emanando e expandindo através do vento uma energia de transformação. As aves ninam o vento, pois o vento nos convida a dançar, revelando em sua força, um milagre. Iniciou-se um ritual de limpeza, de preparação, cuidado e entrega. Em um ato de lavar esses braços, cantos e afetos, sentiu-se uma conexão com o sagrado feminino, uma irmandade construída desde o toque dessas peles-mulheres, nos

MAN ZUA



dando a sensação de união em um só cordão. Vimos que os giros que elas davam... simbolizavam um símbolo feito com as mãos, parecendo uma dança de duas entidades, pois por meio de uma canção, sentimos o pulsar do coração da terra mais uma vez nos convidando a mergulhar em suas profundezas.

A Mestra/*anciã* já despreendida da morte, sabendo que tudo é vida, sentiu-se pronta para a despedida. Ela veio da terra como semente, viveu como árvore, deu sombra, ensinou, frutificou, alimentou e fortaleceu as futuras nações para germinar novas sementes. Seu coração bateu cada vez mais forte, assim como, em todas as mulheres do Meio do Mundo. Em um abraço a Aprendiz/*guerreira* une-se ao seu pulsar, aceitando sua futura missão, e sabendo que era a hora de, também, proteger e alimentar as novas nações.

Esse abraço disse muito mais do que esperávamos... no laboratório, ele foi relevado e sentimos a junção da força feminina

das muitas mulheres que nos habitavam. Era o fechamento de um ciclo do processo de criação, depois de um ano, e ele deixou evidente a abertura do olhar ancestral feminino na sua relação com as muitas dimensões da existência, era uma despedida, a comemoração da chegada, um estado de entrega...

Assim, com a certeza de novos desafios e a segurança que poderá guiar sua nação rumo aos novos tempos, a menina-mulher pede licença e canta o canto do fim da *Anciã*, olhando fixamente em nossos olhos. Um sentimento de calma se instaurou perante todos os espectadores. Um silêncio que anunciava uma despedida, anterior ao seguimento da própria vida. Perante um pranto fúnebre, mas ainda de vida, a nova Mulher entoou uma canção cíclica e unificadora das almas, dos seres, das tribos.

A música cantada era forte e significativa, sendo a sua autoria de uma mulher mãe/mestra, semeadora, artista e guerreira. Essa música nos encontrou justamente

MAN ZUÁ

em momentos de desamparo, da busca por essa força que carregam as legiões de mulheres, que por essência, são guerreiras. O canto foi entoado pela filha da própria autora, porque o que aconteceu, foi uma conexão interplanetária, entre o mundo pessoal e o mundo compartilhado... entre mãe e filha, pois elas são mulheres em tempos diferentes, existências similares e amor infinito.



Fig. 9 – A Conexão. Fotografia: Carol Macedo, Deart: 2018

Somos da mesma tribo, filhos do mesmo Sol, seres¹⁶ e terras, plantas e bichos, nunca estamos sós (2x)

Vou correndo pela mata, sinto o vento a me guiar, rios me falam é a voz da vida, somos todos irmãos, rios me falam é a voz da vida, somos todos irmãos,

Somos da mesma tribo, filhos do mesmo Sol, seres e terras, plantas e bichos, nunca estamos sós,

Sou um pedaço do mundo, vovó lua vem dizer, siga as estrelas, viva seu brilho, espante a escuridão, siga as estrelas, viva seu brilho, espante a escuridão,

Somos da mesma tribo, filhos do mesmo Sol, seres e terras, plantas e bichos, nunca estamos sós,

Peço a águia dourada, que me indique a direção, sinto a mãe terra vibrar comigo dentro do coração, sinto a mãe terra vibrar comigo dentro do coração

Somos da mesma tribo, filhos do mesmo Sol, seres e terras, plantas e

MAN ZUÁ



bichos, nunca estamos sós, somos todos irmãos, espante a escuridão, dentro do coração.

Canção: Tribo do Sol
Autoria: Gleika Cavalcanti
Veras

CONCLUSÃO

Construímos este espetáculo em um grande círculo, por acreditarmos que a vida é circular, voltada aos giros, passos e sonhos. Assim era o espetáculo, feito de círculos, pois a *Anciã* riscava com o cajado no chão, no início da ação, um círculo maior que determinava o espaço, depois, círculos pequenos que constituíam um quadrado, e em seguida, círculos espiralados que chegavam ao centro. Ela construía seu lugar com a magia de seu coração em um rito sagrado que evocava a totalidade, a integração entre os mundos.

Percebemos na história vivida, tanto das figuras em cena, quanto das mulheres fora dela, uma sororidade surpreendente a partir da música;

do canto, e do toque do tambor. Compreendemos o canto como um elemento fundante da jornada artística, pessoal e coletiva; entoado com a leveza de um passarinho, que carrega em seu tom nossas vidas. Em cada cena nos deparamos com uma dança cíclica em todos os seus sentidos, repetitivos, que criavam símbolos em nosso imaginário.

Desta forma, encerramos este artigo, afirmando que podemos criar círculos à nossa volta, quantos quisermos, deixando que a circularidade entre em nossa vida e se faça presente, nos levando em giros até que possamos evoluir para uma sintonia mais aguçada com a natureza, com a Mãe Terra.

Este processo ampliou nossa percepção artística, melhorando nossa relação, em especial com a natureza feminina que nos habitava, nos fortalecendo e nos fazendo seres mais fortes, guerreiras, mestras na arte do existir, do resistir. Neste espetáculo, há o chamado da Grande Mãe – Pachamama, aquela que nos faz renascer por meio de cânticos

MAN ZUÁ



e magias, erguendo com seu cajado uma força maior, de abundância perante a vida brotada dela.

Creemos ser importante ouvir esse chamado, se entregar às mestras, guias e ancestrais que, estão ligadas diretamente a uma conexão com a natureza, e deixar nascer uma sublimação inerente a cada ser.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo, Martins Fontes, 2013.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito.** São Paulo: Palas Athena, 2014.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **As mulheres que correm com os lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FEINSTEIN, David & KRIPPNER Stanley. **Mitologia Pessoal: a psicologia evolutiva do self.** São Paulo: Cultrix, 1992.

HADERCHPEK, Robson Carlos. “O Jogo Ritual e as Pedagogias do

Sul: Práticas Pedagógicas para a Descolonização do Ensino do Teatro”. In: **Revista Moringa - Artes do Espetáculo.** João Pessoa: UFPB Departamento de Artes Cênicas, 2018. (p. 55-65).

HADERCHPEK, Robson Carlos. “A Poética dos Elementos e a Imaginação Material no Processos de Criação do Ator: Diálogos Latino-Americanos”. In: **Memória ABRACE XVI – Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas.** Anais. Uberlândia (MG) UFU, 2017. p. 2645-2664.

HADERCHPEK, Robson Carlos. **A Arte do Encontro: A Conferência dos Pássaros em Viena.** Viena/Áustria: Biblioteca da Universidade de Música e Artes Cênicas de Viena, 2015. Relatório da Pesquisa de Pós-Doutorado. (45 p.)

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MACHADO, Lara Rodrigues. **Dança no jogo da Construção**

MAN ZUÁ



Poética. Organizadora Sara Maria de Andrade. Nata: Jovens Escribas, 2017.

MARIZ, Adriana Dantas de. **A Ostra e a Pérola:** uma visão antropológica do corpo no teatro de pesquisa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SEIXAS. Rebeqa Carocha. **A escrita performática como discurso político e a trilogia metadramatúrgica gogoliana.** Urdimento, Revista de estudos em Artes Cênicas/ Universidade do

Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro v.2, n.29, p. 128-144, Outubro 2017.

SOUSA, Nadja Rossana Lopes de. **A.M.E - Arte, Método e Espiritualidade: Processos de Criação Cênica Inspirados pela Educação em Valores Humanos.** Dissertação no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFRN. Natal, 2019.